

A PARADA DOS ESCOTEIROS NO PORTO

Cêrca de 800 filiados na Associação dos Escoteiros de Portugal, acampados no Porto, desfilaram pelas ruas da capital do Norte e prestaram homenagem ao esforço colonizador

PORTO, 16.—Revestiu-se de extraordinário brilhantismo a grande parada dos escoteiros, que hoje inauguraram solenemente o acampamento escoteirista do Porto, sob a égide do Ministério da Instrução e com organização da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Em comboio especial de Lisboa, chegaram hoje, de madrugada, à estação de Campanhã, cêrca de 500 escoteiros representantes dos varios agrupamentos da A. E. P. da capital, que constituiram o «grosso» da parada e que acamparam na quinta anexa ao Grande Colegio Nun'Alvares, às 8 horas.

Às 14 horas, o Acampamento Nacional dos Escoteiros oferecia já um aspecto imponente pela sua numerosa guarnição, que preparava os seus recantos para a visita oficial do representante do sr. ministro da Instrução e que se organizava em parada, ao longo das varias arterias daquela quinta.

Às 15 horas chegou ao Acampamento o sr. dr. Braga Paixão, director geral do Ensino Primario.

A visita do director geral do Ensino Primario sr. dr. Braga Paixão

Ao longo da avenida central do Acampamento, formavam, em sentido, os estandartes de todos os nucleos ali reunidos. Pelas ruas da quinta postavam-se em continencia os grupos de escoteiros com os seus chefes adjuntos à frente.

O reitor do Liceu Normal de Lisboa, em nome dos escoteiros acampados, fez uma saudação ao enviado do sr. ministro da Instrução Publica, dr. Braga Paixão, alongando os seus cumprimentos aos srs. presidentes do Conselho e da Republica e a todo o Governo, que tanto têm auxiliado o movimento escoteirista português.

O sr. dr. Braga Paixão agradeceu as saudações que lhe foram dirigidas e lamentou que a alegria que se lhe exteriorizava da alma, neste momento, não pudesse ser ouvida e compreendida por todos os escoteiros. E acrescentou:

—Saudo-vos e desejo-vos um feliz acampamento, tão proveitoso no campo material como no espirital. Reconheço com muito apreço o sacrificio que fizestes todos vós em virdes aqui mostrar o que é a vossa educação, a vossa disciplina e a vossa vontade.

O sr. dr. Braga Paixão disse, depois, que, como representante do Governo e com res-

ponsabilidades na vida educativa nacional, via com alegria a vinda ao Porto dos escoteiros no momento em que a realização da Exposição Colonial lhes dava ao a que eles pudessem integrar-se bem no espirito colonial do Imperio Português e no da renovação da escola—pelos novos processos e pelos novos educadores. Ainda ciente das suas responsabilidades, reconhece que neste acampamento está qualquer coisa de novo, real e verdadeiro: o espirito sadio e forte que pode conduzir a escola a novos rumos.

Nesta festa escoteirista, disse, ha uma verdade indestrutivel: o caminho para a pureza e o exame das actividades infantis—verdade que pode bem estabelecer o equilibrio entre as forças da Natureza e do espirito, elevando este ao seu verdadeiro lugar.

O orador afirmou que da parte do Governo havia o maximo apreço e o melhor incentivo pelo movimento escoteirista, e que só que deste nobre metodo de ensino saiam novas e boas orientações para o futuro de Portugal. As grandes fortalezas—solidariedade, aliança pe-

lo bem e camaradagem—serão os novos exponentes duma nova actividade nacional. Depois de ter saudado em Baden Powell, chefe geral do movimento escoteirista, os escoteiros de todo o Mundo e de se ter referido à brilhante organização do Corpo Nacional de «Scouts», o sr. dr. Braga Paixão terminou o seu discurso, exclamando:

—Somos um Governo de aproximação das forças homogeneas saído duma grande revolução nacional, que foi feita para elevar o Pais ao seu verdadeiro lugar. Reconhecemos com alegria os esforços dos jovens que querem vir para junto de nos trabalhar a bem da Nação. Saudemos neste momento solene os nossos chefes supremos, os srs. Presidentes da Republica e do Conselho, que ao movimento escoteirista dão o seu apoio, esperando que todos vós, integrados dentro dos mais saos principios morais, façais com que esse movimento corresponda aos seus elevados objectivos.

O sr. dr. Braga Paixão que foi muito ovacionado no fim do seu discurso, começou então a sua visita oficial ao acampamento, sendo acompanhado pelo chefe geral do campo, sr. professor Antonio Nobre, e passando entre filas de escoteiros, que o saudavam respeitosamente.

Visitou primeiro o acampamento dos grupos de Lisboa que se distribuem no maior espaço da quinta e depois os grupos do Porto e de algumas provincias.

No acampamento do Algarve, caprichosamente ornamentado e com o aspecto tipico d'um arral de Olhão, a que não faltava, numa coreografia interessante, a figura característica da mulher regional, o sr. dr. Braga Paixão, foi recebido pelo chefe sr. João Trigueiros, que o acompanhou na visita às diversas tendas de campanha.

Em seguida, o sr. dr. Braga Paixão, voltando à avenida central do acampamento, passou em revista as numerosas deputações de escoteiros que ali se encontravam, entrando numa grande clareira onde se acampavam os escoteiros da Madelra e Açores.

Neste acampamento que, com o do Algarve, era dos mais curiosos que ali se encontravam, estavam expostos interessantes reproduções fotograficas das ilhas, e amostras de produtos industriais e agricolas regionais.

O chefe Fernando Soares Macedo pediu ao sr. comandante Melo Machado que cortasse a fita simbolica da abertura daquele

poration Boy-Scouts», que marchavam com garbo impecavel.

A seguir, os escoteiros de todas as agremiações, pela seguinte ordem: Região do Norte, de Lisboa e do Algarve.

Chefe da organização official escoteirista, que era aguardado à entrada pelos srs. dr. Gomes dos Santos, membro da Comissão Permanente da Conferencia de Dirigentes da A. E. P. e chefe da zona Minho e Douro dos escoteiros isolados; prof. Antero Nobre, membro da Comissão Executiva da Associação dos Escoteiros de Portugal, chefe do Nucleo do Porto e assistente da Escola de Educação Física; todos os chefes dos Nucleos representados no acampamento; padre Candido Gomes, director do Colegio Nun'Alvares, José Augusto Ferreira, commissario geral adjunto do C. N. S.; e comandante Melo Machado, fundador do movimento escoteirista em Portugal.

No cortejo tomaram ainda parte os escoteiros das colonias portuguesas, que vieram expressamente de Africa: José Santos Costa e Feliciano Pinto, da Beira, Moçambique; os irmãos Paulo e Luiz Eça, de Luanda e o grupo Diogo Cão, de Dnanda, representado pelo escoteiro Candido Rodrigues.

O grupo dos escoteiros ingleses que impressionaram o publico pelo garbo da sua marcha, eram comandados pelo chefe Rossini Grissan.

A passagem do cortejo pela cidade às horas de maior movimento, despertou viva curiosidade no publico.

A recepção na Camara

Cêrca das 16,30 chegou o cortejo ao largo fronteiro ao edificio da Camara Municipal, formando no vasto miradouro sobre a cidade e fazendo as saudações do estilo à edilidade portuense.

O largo, pejado de gente, oferecia um aspecto soberbo. Numa das janelas da Camara encontravam-se os srs. Alfredo de Magalhães e José Meneres, da commissão administrativa, aos quais se juntaram os srs. drs. Braga Paixão, Gomes dos Santos, Rui Santos e comandante Melo Machado.

O presidente da Camara agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e referiu-se ao facto historico de ter sido a cidade do Porto a origem de todos os movimentos renovadores da alma e da politica portuguesas, demonstrando como ainda no momento actual se mantêm as tradições que fizeram da capital do norte a cidade do trabalho e da liberdade.

O orador, num belo discurso, recordou o papel importante que a cidade Invicta teve na historia e, referindo-se aos escoteiros, disse:

—Encontramo-nos face a face a velhice com a juventude. E' necessario hoje mais do que nunca o auxilio dos velhos. Unamos-nos, pois, não esquecendo a força da tradição, porque o que é hoje progresso será amanhã uma gloriosa tradição.

O orador aconselhou os rapazes a que se educassem para poderem suportar o futuro, transformando as duas forças potenciais na energia dinamica de que precisa Portugal.

E terminou: —Amal o nosso Pais. Só assim ele poderá viver independente e próspero, reunindo o nacionalismo consciente com o internacionalismo do progresso e da ciencia, indispensavel à vida dos povos.

O cortejo reorganizou-se, depois, por entre aclamações, atravessando as ruas da cidade em direcção ao monumento aos mortos da Grande Guerra, onde os escoteiros desfilaram em continencia, tendo ali colocado um ramo de flores o n.º 82 da Beira, Africa Oriental.

Na Exposição Colonial

A parada dirigiu-se, em seguida, para o recinto da Exposição Colonial, onde entrou cêrca das 19 horas.

Os escoteiros eram ali aguardados pelo sr. Mimoso Moreira, director adjunto do certame no impedimento do sr. capitão Henrique Galvão, ausente em Lisboa.

Os escoteiros entraram pela Avenida de Angola e desfilaram em frente ao monumento ao Esforço Colonizador, formando em circulo na praça do Imperio.

Perante a continencia dos escoteiros foram então colocados na base do monumento dois ramos de flores dos grupos inglês e coloniais portugueses e da A. E. P., pelo sr. Flavio Rodrigues, na sua qualidade de «escoteiro-patria».

O sr. dr. Gomes dos Santos pronunciou um breve discurso.

Às 23 horas realizou-se na aldeia indigena de Angola o simulacro de acampamento e o grande «fogo de conselho», dirigido pelo sr. João Trigueiros, e durante o qual os escoteiros cantaram.

A partir de amanhã o acampamento será aberto ao publico das 15 às 17 horas.



Um aspecto do desfile dos escoteiros na rua do Heroismo

«stand» sendo o acto sublinhado com uma grande salva de palmas. Aos srs. comandante Melo Machado e dr. Braga Paixão foram oferecidas caixas com amostras daqueles produtos regionais. Terminada a visita pela passagem no acampamento dos escoteiros ingleses de Gibraltar, deu-se inicio à organização do cortejo.

O sr. dr. Braga Paixão foi conduzido até à saída do acampamento e do mesmo ceremonial da entrada.

O cortejo atravessou as ruas do Porto

Às 16 horas poz-se em marcha o cortejo, que atravessou a cidade em direcção à Camara Municipal.

À frente, seguia um clarim e um grupo de tambores. Depois, a bandeira nacional ladeada pelos estandartes dos grupos dos escoteiros ingleses de Gibraltar e pela Associação dos Escoteiros de Portugal. Desfilaram depois, com o aspecto imponente, os estandartes das varias agremiações escoteiristas, o grupo dos ingleses da «British Cor-

poration Boy-Scouts», que marchavam com garbo impecavel.

A seguir, os escoteiros de todas as agremiações, pela seguinte ordem: Região do Norte, de Lisboa e do Algarve. Chefe da organização official escoteirista, que era aguardado à entrada pelos srs. dr. Gomes dos Santos, membro da Comissão Permanente da Conferencia de Dirigentes da A. E. P. e chefe da zona Minho e Douro dos escoteiros isolados; prof. Antero Nobre, membro da Comissão Executiva da Associação dos Escoteiros de Portugal, chefe do Nucleo do Porto e assistente da Escola de Educação Física; todos os chefes dos Nucleos representados no acampamento; padre Candido Gomes, director do Colegio Nun'Alvares, José Augusto Ferreira, commissario geral adjunto do C. N. S.; e comandante Melo Machado, fundador do movimento escoteirista em Portugal. No cortejo tomaram ainda parte os escoteiros das colonias portuguesas, que vieram expressamente de Africa: José Santos Costa e Feliciano Pinto, da Beira, Moçambique; os irmãos Paulo e Luiz Eça, de Luanda e o grupo Diogo Cão, de Dnanda, representado pelo escoteiro Candido Rodrigues. O grupo dos escoteiros ingleses que impressionaram o publico pelo garbo da sua marcha, eram comandados pelo chefe Rossini Grissan. A passagem do cortejo pela cidade às horas de maior movimento, despertou viva curiosidade no publico. A recepção na Camara. Cêrca das 16,30 chegou o cortejo ao largo fronteiro ao edificio da Camara Municipal, formando no vasto miradouro sobre a cidade e fazendo as saudações do estilo à edilidade portuense. O largo, pejado de gente, oferecia um aspecto soberbo. Numa das janelas da Camara encontravam-se os srs. Alfredo de Magalhães e José Meneres, da commissão administrativa, aos quais se juntaram os srs. drs. Braga Paixão, Gomes dos Santos, Rui Santos e comandante Melo Machado. O presidente da Camara agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e referiu-se ao facto historico de ter sido a cidade do Porto a origem de todos os movimentos renovadores da alma e da politica portuguesas, demonstrando como ainda no momento actual se mantêm as tradições que fizeram da capital do norte a cidade do trabalho e da liberdade. O orador, num belo discurso, recordou o papel importante que a cidade Invicta teve na historia e, referindo-se aos escoteiros, disse: —Encontramo-nos face a face a velhice com a juventude. E' necessario hoje mais do que nunca o auxilio dos velhos. Unamos-nos, pois, não esquecendo a força da tradição, porque o que é hoje progresso será amanhã uma gloriosa tradição. O orador aconselhou os rapazes a que se educassem para poderem suportar o futuro, transformando as duas forças potenciais na energia dinamica de que precisa Portugal. E terminou: —Amal o nosso Pais. Só assim ele poderá viver independente e próspero, reunindo o nacionalismo consciente com o internacionalismo do progresso e da ciencia, indispensavel à vida dos povos. O cortejo reorganizou-se, depois, por entre aclamações, atravessando as ruas da cidade em direcção ao monumento aos mortos da Grande Guerra, onde os escoteiros desfilaram em continencia, tendo ali colocado um ramo de flores o n.º 82 da Beira, Africa Oriental. Na Exposição Colonial. A parada dirigiu-se, em seguida, para o recinto da Exposição Colonial, onde entrou cêrca das 19 horas. Os escoteiros eram ali aguardados pelo sr. Mimoso Moreira, director adjunto do certame no impedimento do sr. capitão Henrique Galvão, ausente em Lisboa. Os escoteiros entraram pela Avenida de Angola e desfilaram em frente ao monumento ao Esforço Colonizador, formando em circulo na praça do Imperio. Perante a continencia dos escoteiros foram então colocados na base do monumento dois ramos de flores dos grupos inglês e coloniais portugueses e da A. E. P., pelo sr. Flavio Rodrigues, na sua qualidade de «escoteiro-patria». O sr. dr. Gomes dos Santos pronunciou um breve discurso. Às 23 horas realizou-se na aldeia indigena de Angola o simulacro de acampamento e o grande «fogo de conselho», dirigido pelo sr. João Trigueiros, e durante o qual os escoteiros cantaram. A partir de amanhã o acampamento será aberto ao publico das 15 às 17 horas.